



## Vozes escritoras: Conceição Evaristo e Roberta Tavares

Elen Karla Sousa da Silva<sup>1</sup> e Silvana Maria Pantoja dos Santos<sup>2,3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Amazonas, Prédio Mário Ypiranga, 2º andar, Estr. de Acesso A, Coroado. <sup>2</sup>Universidade Estadual do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: elen.silva@ufam.edu.br

**RESUMO.** A poesia negra feminina brasileira instiga reflexões sobre a revisão das práticas de dominação amparadas pela colonialidade, por meio da reconfiguração de imaginários e identidades. Desse modo, o presente artigo analisa como Conceição Evaristo (região Sudeste), Roberta Tavares (região Norte), a partir de suas vozes, do espaço, da memória e do corpo negro, conseguem, de maneira poética, criar caminhos de insurgência que ressignificam a identidade racial e promovem uma virada decolonial face aos discursos hegemônicos, nas obras *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008, e *Mulheres de fogo*, de 2023. Destaca-se a importância de discutir a poesia negra brasileira como resposta epistêmica ao projeto eurocêntrico colonial. As vozes dessas autoras negras insurgem-se contra o racismo, o patriarcado e o apagamento de suas origens étnico-raciais. Os textos marcam vozes poéticas que revelam como a escrita literária representa uma outra poética, que não se submete à de uma literatura considerada canônica, porque têm o seu próprio cânone e suas próprias regras. Em geral, essa literatura implica em uma outra forma de escrever. Nesse sentido, é importante investigar que poética é essa, bem como os textos dessas escritoras, que são uma voz na literatura brasileira que obriga outros autores brasileiros a repensarem suas produções. As discussões teóricas significativas para a análise e compreensão do *corpus* vêm de Duarte (2011), Said, (2011) e Ricouer (2007), entre outras. Esta reflexão se propõe a pensar sobre as rasuras como formadoras de um discurso estético-político, marcado por questões étnico-raciais que revelam o lugar de pertencimento dessas escritoras. A produção poética das escritoras mencionadas nos brinda com a oportunidade de considerar o pensamento decolonial enquanto enfrentamento, convocando para uma transformação política e social.

**Palavras-chave:** poesia; literatura feminina de autoria negra; escrituras.

## Writing voices: Conceição Evaristo and Roberta Tavares

**ABSTRACT.** Brazilian black female poetry instigates reflections on the review of domination practices supported by coloniality, through the reconfiguration of imaginaries and identities. Thus, this article analyzes how Conceição Evaristo (Southeast region), Roberta Tavares (North region), from their voices, space, memory and black body, manage, in a poetic way, to create paths of insurgency that re-signify racial identity and promote a decolonial turn in the face of hegemonic discourses, in the works *Poemas da remembrance and other movements*, from 2008, and *Mulheres de Fogo*, from 2023. The importance of discussing black Brazilian poetry as an epistemic response to the Eurocentric project is highlighted. The voices of these black authors rise up against racism, patriarchy and the erasure of their ethnic-racial origins. The texts mark poetic voices that reveal how literary writing represents another poetics, which does not submit to that of a literature considered canonical, because it has its own canon and its own rules. In general, this literature implies another way of writing. In this sense, it is important to investigate what poetics this is, as well as the texts of these writers, who are a voice in Brazilian literature that forces other Brazilian authors to rethink their productions. Significant theoretical discussions for the analysis and understanding of the corpus come from Duarte (2011), Said, (2011) and Ricouer (2007), among others. This reflection proposes to think about erasures as forming an aesthetic-political discourse, marked by ethnic-racial issues that reveal the place where these writers belong. The poetic production of the aforementioned writers offers us the opportunity to consider decolonial thinking as a confrontation, calling for a political and social transformation.

**Keywords:** poetry; women's literature by black authors; writings.

Received on August 24, 2023.

Accepted on March 20, 2024.

## Palavras iniciais

Aqui estamos nós, donas de  
nossas próprias palavras,  
revolucionárias do cotidiano,  
regando a terra outrora batida  
por nossas antepassadas,  
firmando nossas pegadas,  
sabendo que hoje, cada vez  
que nossa fala se propaga  
equivale a dez que antes  
foram silenciadas

Mulheres de uma geração  
atrevida, filhas dos saraus e  
das batalhas de poesia,  
alquimistas, libertárias,  
propagandistas da oralidade  
compartilhando nossas travessias,  
bradando nossa realidade! [...] (Duarte, 2019, p. 259).

A poesia pode ser testemunho de vida e relato confessional, concatenada às histórias e relatos de outras mulheres. A poesia opera em uma via de mão dupla: ao passo que reinterpreta o passado a partir do olhar contemporâneo, lança novos sentidos às dinâmicas sociais da atualidade ao conectá-las ao pretérito. Nesse sentido, “[...] a invocação do passado constitui uma das categorias mais comuns nas interpretações do presente” (Saïd, 2011, p. 34). Por esse prisma, a poética de Conceição Evaristo e Roberta Tavares sustenta-se pela memória e pela reverberação das vozes de suas ancestralidades. Essa ação produzida pela ‘escrivência’ é uma expressividade da decolonialidade, uma vez que desconstrói as epistemologias da história acerca do passado engendradas pelos sistemas coloniais de poder e apresenta um discurso que ressignifica o pensar, o agir e o ser.

As obras *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008, e *Mulheres de fogo*, de 2023, constituem o corpus da pesquisa, representam ferramentas potentes que instigam reflexões profundas sobre a revisão das práticas de dominação amparadas pela colonialidade. Por meio da reconfiguração de imaginários e identidades, essas obras trazem à tona questões que desafiam as estruturas opressoras que historicamente subjugaram as mulheres negras. Ao resgatarem a ancestralidade e darem voz às suas experiências como mulheres negras, essas escritoras rompem com estereótipos e estigmas impostos pela sociedade. Elas transcendem a imagem de submissão e invisibilidade, e constroem poesias potentes que celebram a força, a resistência e a beleza destas mulheres. A poesia negra feminina se apresenta como um movimento de afirmação da negritude, resgatando e exaltando a beleza e a diversidade física das mulheres negras.

A poesia negra brasileira tem desempenhado um papel crucial na ressignificação da identidade racial e na promoção de uma virada decolonial. A partir das obras de Conceição Evaristo e Roberta Tavares, dois importantes nomes da literatura negra contemporânea, é possível observar como suas vozes, seus espaços, suas memórias e seus corpos negros têm contribuído para essa insurgência poética.

Conceição Evaristo, por meio de sua obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2017), publicada em 2008, faz um resgate histórico e social da diáspora africana no país. Utilizando a poesia como instrumento de denúncia e resistência, Evaristo traz à tona temas como a escravidão, o racismo estrutural e a invisibilidade do povo negro na sociedade brasileira. Através dessa abordagem poética, a autora consegue ressignificar a identidade racial, dando voz e visibilidade àqueles que foram marginalizados ao longo da história. Já Roberta Tavares, em sua obra *Mulheres de fogo* (2023a), traz a perspectiva da mulher negra amazônica. A autora lança mão de elementos da cultura afro-indígena, unindo oralidade, tradição e ancestralidade em seus poemas. Assim como Evaristo, Tavares utiliza a poesia como forma de resistência e criação de caminhos de insurgência. Ao explorar o corpo negro feminino e sua relação com a natureza, a autora ressignifica o lugar da mulher negra na sociedade, promovendo uma quebra de paradigmas e questionando os discursos hegemônicos estabelecidos.

### Conceição Evaristo e suas poéticas decoloniais escritivas

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em Belo Horizonte (MG). Os poemas de Conceição Evaristo apresentam o cotidiano da mulher negra e a consciência de sua condição social. Seus versos ressaltam

a urgência do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ademais, é individual e coletivo, sendo esta uma característica de grande parte dos autores negros brasileiros, que se dedicam à construção de uma imagem positiva da população negra. Na produção da autora, há a defesa do não-esquecimento do passado de opressão e, ato contínuo, da resistência à opressão, a fim de romper com a invisibilidade e tentativa de silenciamento. Trata-se da conclamação que atualiza e desloca a memória da luta dessas mulheres.

No poema ‘Vozes-Mulheres’, de Conceição Evaristo, que integra a obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008 (Evaristo, 2017), percebemos uma construção da memória ao narrar a trajetória de mulheres negras. Abrigada na memória coletiva, simboliza a ancestralidade, que se propõe no presente e elabora o futuro. O poema aponta, desde o título, para a temática da memória como componente que guia o discurso, pois são poemas da rememoração. Nesse poema, o eu lírico resgata a sua ancestralidade ao abordar as mulheres que a antecederam, todas com uma história de aviltamento por serem negras e pobres. Contudo, o texto exprime um tom esperançoso alusivo a uma nova geração de mulheres negras.

O poema ‘Vozes-Mulheres’ aborda sobre mulheres de diferentes gerações pertencentes a uma mesma família. O título apresenta duas questões pertinentes: a primeira mostra vozes e diz a quem pertence, às mulheres. São vozes silenciadas. Entretanto, o fato de unir a palavra ‘Vozes’ à palavra ‘mulheres’, por meio de hífen, converte-se em um empoderamento discursivo, uma vez que as palavras vozes e mulheres possuem conotação semelhante: trajetórias femininas evidenciadas pela ancestralidade; afirmação de existência, a partir de uma coletividade. Desse modo, o eu-lírico reporta-se à história de opressão e angústia, assim como descreve seus cotidianos e sentimentos.

[...] voz da minha bisavó ecoou  
criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida (Evaristo, 2017, p. 24)

A bisavó citada no texto representa aquelas que foram aprisionadas e trazidas para o Brasil em navios. Já a avó teria vivido na época da escravidão e da obediência forçada. Conforme o pesquisador e professor Eduardo de Assis Duarte, o poema é considerado uma espécie de manifesto-síntese da poética de Conceição Evaristo:

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão (Duarte, 2006, p. 306).

Nesse sentido, o citado autor complementa que Evaristo constrói uma narrativa “[...] empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito” (Duarte, 2011, p. 173). As vozes das personagens da autora revelam mulheres negras que sempre foram duplamente marginalizadas.

Nos referidos versos, o eu-lírico estabelece a relação com as demais personagens – no caso, ‘a minha bisavó’ no primeiro verso. Concomitantemente em que a primeira estrofe descreve um ser subalterno, supostamente impotente, ‘uma criança, menina, negra, escrava’, outorga uma voz a esse sujeito que está nos porões de um navio, voz essa que ecoa a dor da coletividade, e uma lamentação que, possivelmente, não será escutada, ou, mesmo que seja ouvida, será ignorada.

Há um resgate do eu-lírico quanto às suas raízes culturais e históricas, visto que sua identidade centra-se no núcleo familiar. Logo na primeira estrofe, encontramos a voz da bisavó do eu-lírico, ao passo que na segunda estrofe é a avó a responsável pela voz: “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo” (Evaristo, 2017, p. 24).

Como vemos, há uma voz, ao que tudo indica, obediente e subalterna. A relação entre os termos brancos e donos, dada pelo emprego do hífen, configura-se em um componente singular: ‘brancos donos de tudo’. Essa voz também marca uma voz que carece ser ecoada, como um modo de resistência, diferentemente do eco presente na primeira estrofe ‘os lamento’, que simboliza a uma identificação coletiva. Aqui, a voz somente reproduz uma mentira para permanecer viva.

Além disso, o tamanho da estrofe é um hiato, pois denota que algo não foi dito nessa voz. Também revela a etnia e a alteridade, a voz que ecoa obediência em detrimento ao branco que é dono de tudo. Ao expor a diferença, a completa ausência de oportunidade de se ouvir a voz da população negra, sobretudo da mulher negra, seu discurso não está presente somente nos traços escritos, mas se revela especialmente nas entrelinhas.

Ao passo que a voz das gerações se junta ao tempo presente, a resistência começa a surgir, nas ancestrais do eu-lírico, de modo contundente. Em tom baixo, o que é observado na expressão do segundo verso ('ecoou baixinho'), reverbera insubordinação pela condição em que se encontra, pois reside em favelas, trabalham em subempregos, como podemos observar na terceira estrofe:

A voz de minha mãe  
 'ecoou baixinho' revolta  
 no fundo das cozinhas alheias  
 debaixo das trouxas  
 roupas sujas dos brancos  
 pelo caminho empoeirado  
 rumo à favela (Evaristo, 2017, p. 24, grifo nosso).

Ao mencionar os brancos, novamente a diferença é ressaltada, visto que a mãe do eu-lírico anuncia que ela carrega a roupa suja dos brancos, diferenciando-se de maneira intencional na diferença. Novamente, está presente uma divergência com a estrofe anterior. No entanto, contrariamente à submissão declarada ao branco, dono de tudo, o que vemos é a contestação das roupas sujas e da cozinha de outrem. Não há o dever da obediência silenciosa aos brancos, donos de tudo. De outro modo, o que há é uma queixa acerca do fato de precisar lavar sua roupa suja e limpar sua cozinha.

No poema 'Vozes-mulheres', há também o registro histórico da existência da favela, caminho empoeirado, lugar no qual a mãe do eu lírico se guia. A diferença social é espantosa e, desse modo, a voz do poema expressa um crescimento de voz de um núcleo familiar ou de uma etnia, de modo particular. É uma voz que se desenvolve ao longo das gerações e, também, representa uma inscrição histórica que envolve o fim do período escravagista e o deslocamento dos povos escravizados para os centros urbanos, instituindo e desenvolvendo as favelas. É importante ressaltar que, quando a voz-mulher é ouvida reclamando, revela-se uma consciência das diferenças de condições de trabalho, de oportunidades e de moradias entre brancos e negros.

Mais adiante, na quarta estrofe, o eu lírico descreve a si mesmo no poema. Ele assume o discurso, põe-se no tempo presente 'minha voz ainda ecoa':

A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue  
 e  
 fome (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Voltando à primeira estrofe, encontramos a repetição do verbo ecoar, que representa um grupo específico; a segunda estrofe simboliza uma voz que não pertencente à voz da negritude; a quarta estrofe exprime o laço com a ancestralidade, isto é, há o reconhecimento de que a voz presente do eu lírico resulta das outras vozes que ecoaram previamente a ela. Essa voz presente denuncia, por meio da arte, 'versos perplexos'. Essa voz possui letramento e é capaz de difundir aos outros suas perplexidades. Nesses versos, há a denúncia de que quase nada mudou: os maus tratos e as explorações persistem desde as gerações anteriores. Isso porque os versos estão perplexos de sangue e fome.

A voz, a partir daí, não é somente autoconsciente, assim como a voz da mãe. Tampouco é feita de murmúrios, e sim uma voz que forma um poema. O poder do discurso é apresentado, empenhado e propagado. Trata-se de uma repetição sonora que manifesta uma evolução de alcance da voz, manifesta a condição social presente, que ainda deve ser denunciada, pois é atravessada de 'sangue e fome'. Nesse sentido, o interlocutor e os versos ficam perplexos por essas coisas ainda existirem.

Em contrapartida, a estrofe é curta, como se fosse autoexplicativa. O eu lírico esclarece que o próprio poema no qual os versos estão inseridos é a sua voz. Essa voz é o cerne de onde as outras vozes são apresentadas. A fome, por exemplo, metaforiza as necessidades que são denunciadas na estrofe anterior. A quinta estrofe inicia a partir do tempo presente. Nela, a voz da filha conversa com suas ancestrais e finda no tempo futuro:

A voz de minha filha  
 recolhe todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 25).

Como percebemos, o eu lírico mostra a filha, representativa das gerações futuras. A partir de si, narra o presente. Contudo, o tempo futuro, juntando as vozes mais baixas e silenciadas, ressignifica as vozes das mulheres de gerações anteriores. Ao juntar vozes do passado, a voz futura da filha se liga às vozes de suas ancestrais e as reverbera. Assim, ela não somente ecoará por precisão, urgência, mas dará sua contribuição a essa nova voz que emerge do coletivo. Essa voz fala, age, ou seja, é uma voz que se faz na *práxis*.

A união entre passado e futuro materializa o eco que é desejado desde a ancestralidade. Essa voz se impõe e se faz ouvir, tornando-se o condutor para um eco de liberdade, que, por sua vez, ecoa para as gerações precedentes. Assim, as suas lutas são reconhecidas para a edificação dessa liberdade. Por fim, o poema recupera as vozes julgadas menos inaudíveis, ressignificando-as. As mulheres subalternas também possuem vozes e, ao revelar essa existência, há uma denúncia das condições que levaram, e ainda levam, a população negra a padecer. Evaristo faz essa denúncia por meio do seu fazer poético.

O poema 'Vozes-Mulheres' finda com a esperança de liberdade para as novas gerações de mulheres negras. Entretanto, o futuro vem envolto por modificações e a voz da filha é carregada de herança, que escreve uma outra história, que é a da liberdade.

Nesta mesma obra, temos o poema 'Da calma e do silêncio'. Além de apresentar uma concepção revolucionária acerca do empoderamento feminino, o poema caracteriza um sujeito com independência. O título do poema mostra dois substantivos que dão fundamento aos versos: calma e silêncio. Essas palavras provocam sentimentos, que outrora foram ocultados, mas que expressam liberdade, soberania e mansidão. A voz do eu-lírico expõe-se tomado por poder e anseia o livre-arbítrio. Logo no início do poema, é revelada a aspiração de possuir a tão sonhada liberdade de expressão, sem nenhuma restrição e imposição:

Quando eu morder  
 a palavra,  
 por favor,  
 não me apressem,  
 quero mascar,  
 rasgar entre os dentes,  
 a pele, os ossos, o tutano  
 do verbo,  
 para assim versejar  
 o âmago das coisas (Evaristo, 2017, p. 121).

Mais adiante no poema, vemos o ponto de vista da poetisa, que enxerga aquilo que versos algum irão mostrar, uma vez que o ato da escrita também é um ato de observação:

Quando meu olhar  
 se perder no nada,  
 por favor,  
 não me despertem,  
 quero reter,  
 no adentro da íris,  
 a menor sombra,  
 do ínfimo movimento (Evaristo, 2017, p. 121).

O eu lírico, então, revela a imaginação como estímulo criador e a existência de outros mundos. São mundos que não têm estradas habitados por artistas, ou seja, são 'mundos submersos':

Quando meus pés  
 abrandarem na marcha,  
 por favor,  
 não me forcem.  
 Caminhar para quê?

Deixem-me quedar,  
 deixem-me quieta,  
 na aparente inércia.  
 Nem todo viandante  
 anda estradas,  
 há mundos submersos,  
 que só o silêncio  
 da poesia penetra (Evaristo, 2017, p. 122).

Já na última estrofe, o eu lírico vincula o mundo imaginário ao da rememoração. Assim, a memória representa o ‘mundo submerso’ e inelutável na ‘calma e no silêncio’ do método criativo. Desse modo, a emoção também é inelutável:

Recordar é preciso  
 O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
 A memória bravia lança o leme:  
 Recordar é preciso.  
 O movimento vaivém nas águas-lembranças  
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
 salgando-me o rosto e o gosto.  
 Sou eternamente náufraga,  
 mas os fundos oceanos não me amedrontam  
 e nem me imobilizam.  
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.  
 Sei que o mistério subsiste além das águas (Evaristo, 2017, p. 11).

Atravessado pelas lembranças, elemento presente em vários escritos de Conceição Evaristo, o poema encena a história escravagista de vivências e pessoas nas quais vozes ainda ecoam cotidianamente. Acerca do tema, Paul Ricouer (2007) traça algumas distinções entre memória e lembrança. Para o teórico, a lembrança coloca-se na interseção de determinada semântica, com certa pragmática: “[...] lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança” (Ricouer, 2007, p. 24). Constatamos, portanto, que, de um lado, “[...] as lembranças distribuem-se e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados dos abismos, de outro, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo” (Ricouer, 2007, p. 108).

Nas primeiras linhas do poema, sobressai-se um elemento repleto de simbologia: o mar. Esse recurso faz alusão à trajetória dos africanos escravizados que atravessaram o oceano: “O mar onduloso [...]” (Evaristo, 2017, p. 11) e seus movimentos transitam pelas lembranças que se apresentam ‘bravias’, “[...] movimento vaivém nas águas-lembranças [...]” (Evaristo, 2017, p. 11), das adversidades da população negra, dos africanos, escravizados e os seus descendentes. O verso “O mar vagueia onduloso sob meus pensamentos [...]” (Evaristo, 2017, p. 11) refere-se às rememorações, à “[...] memória bravia [...]” (Evaristo, 2017, p. 11) que foi lançada ao mar.

Ao fazer uso de uma escrita poética elaborada com elementos que remetem à memória, revisita episódios passados e caminha, de maneira poética, por ambientes físicos e emocionais por onde essa memória andou, revisitando momentos de trânsitos traumáticos da população negra.

Também na mesma obra, encontramos o poema ‘Certidão de óbito’, que apresenta o resgate da memória, assim como o poema anteriormente abordado, temática bastante abordada na produção de Conceição Evaristo, de modo a entrecruzar passado e presente, vista sob a ótica do sofrimento, da submissão, da opressão e da violência. Nele, são manifestados o sangue e o óbito que constituem a história da população negra brasileira:

Certidão de óbito  
 Os ossos de nossos antepassados  
 colhem as nossas perenes lágrimas  
 pelos mortos de hoje.  
 Os olhos de nossos antepassados,  
 negras estrelas tingidas de sangue,  
 elevam-se das profundezas do tempo  
 cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas  
e a qualquer descuido da vida  
a morte é certa.  
A bala não erra o alvo, no escuro  
um corpo negro bambeia e dança.  
A certidão de óbito, os antigos sabem,  
veio lavrada desde os negreiros (Evaristo, 2017, p. 17).

Quando as mortes violentas e desnecessárias acabarem, todas as lutas e todos os poemas terão valido a pena. A poesia de Maria da Conceição Evaristo de Brito é contundente e, assim, renova nossa disposição para o enfrentamento. Todos nascemos libertos, contudo, carregamos o fardo das correntes dos que vieram antes e, constantemente, se empenham não para apagar a história, e sim para ressignificá-la, buscando, dessa maneira, um caminho para uma reparação histórica.

Em *Poemas da recordação e outros movimentos*, Conceição Evaristo apresenta em seus versos o eco de vozes silenciadas “[...] o silêncio mordido/ rebelde e revela/ nossos ais/ e são tantos os gritos” (Evaristo, 2017, p. 84). A perspectiva é a dos que vivenciam as dores de ser negra e pobre no Brasil: a fome que “[...] brinca, escovando os dentes dos famintos [...]” (Evaristo, 2017, p. 58), a cura, o amor, a crença, o sortilégio “[...] fabricamos o calor de um só dia, esquecidos/ de que como os deuses, / também podemos milagrar a vida” (Evaristo, 2017, p. 62). As balas perdidas encontradas no peito do filho “[...] e pedimos/ que as balas perdidas/ percam o nosso rumo/ e não façam do corpo nosso, / os nossos filhos, o alvo [...]”, (Evaristo, 2017, p. 84) o abuso da menina que “[...] depois, sempre dilacerada, / [...] expulsou de si/ uma boneca ensanguentada/ que afundou num banheiro público qualquer” (Evaristo, 2017, p. 50).

### Roberta Tavares uma poeta afro-amazônica quilombola

Roberta Conceição Tavares Soares nasceu em 1984, em Belém, Pará; é poeta, historiadora, declamadora de poemas, ativista quilombola das margens do igarapé Cravo, no rio Bujaru. Roberta Tavares estampa o percurso de quilombolas que se deslocam para as capitais e resgata a memória ancestral e histórica dessas comunidades de origem, por meio de seus trabalhos na Academia e trabalhos artísticos. A sua primeira publicação individual impressa foi um zine intitulado *Mulheres de fogo* (Tavares, 2023a). Antes disso, ela já tinha participado de antologias poéticas. Ela tem também publicações virtuais em revistas eletrônicas. Publicou, em 2021, *Lugar de se morrer é também o poema* (Tavares, 2021) e, com as ressonâncias dessa obra, principalmente por ter sido um trabalho de artesanato, por fora do monopólio do mercado editorial, a poeta começou a marcar o seu espaço. Sua mais recente publicação é *Mulheres de Fogo*, de 2023. Roberta vive uma intensa militância e movimentação pelas áreas da poesia e dos movimentos literários da cidade de Belém, principalmente participando em e organizando saraus. O que marca o seu exercício é a poesia falada, seja lida, seja declarada.

É uma das organizadoras do ‘Sarau do Povo da Noite’ e faz parte da coordenação do projeto de extensão ‘Xirê Literário’, que está vinculado à Universidade Federal do Pará. É pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa da Escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAM/CNPq) e integra a Rede de Historiadoras Negras e Historiadores Negros (HN). Roberta Tavares também é frequentadora e articuladora de eventos literários na cidade de Belém, no norte do Brasil, onde rotineiramente exercita a sua poesia na oralidade por meio da declamação e da leitura em voz alta. Além disso, organiza, junto com outros e outras poetas, o ‘Sarau do Povo da Noite’. Atualmente, reside em Belém, mas sua origem e raízes estão no interior da Amazônia, especificamente nas áreas quilombolas do baixo rio Bujaru, na margem do igarapé Cravo. Roberta, atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação de História Social da Amazônia (PPHIST-UFPA) e desenvolve pesquisas sobre o tema da escravidão negra na Amazônia oitocentista das regiões do baixo rio Bujaru.

No posfácio de *Mulheres de Fogo*, a Profa. Dra Zélia Amador de Deus estabelece um diálogo com o poema de Conceição Evaristo ao considerar que a jovem Roberta Tavares “[...] é a voz da filha capaz de recolher em si o fato e também o ato, recolhe em si ontem, o hoje e o agora” (Tavares, 2023a, p. 101). Trata-se de uma voz com potência, com ressonância e que possui o eco da liberdade. Roberta Tavares é, assim, representante da poesia amazonense. Discreta, serena, delicada e singela, ela é uma poeta bissexta, em alusão ao poeta Manuel Bandeira, sem pressa para escrever, que, de acordo com o poeta pernambucano, designaria “[...] todo poeta que só entra em estado de graça de raro em raro” (Bandeira, 1946, p. 1).

Em 2018, a referida autora publicou, de forma independente, o fanzine ou simplesmente zine<sup>1</sup> *Mulheres de Fogo* (Tavares, 2023a), nome também que dá título ao poema. Roberta Tavares transfere para a sua arte poética esperança, dores, amores e ancestralidade negra. Face à grande repercussão da obra, a autora lançou uma segunda edição em 2019 e, em 2020, a terceira edição. Roberta Tavares afirma ao jornal *O Liberal* que a poesia não deve ser restringida apenas a um local de conforto, e sim estender-se ao espaço do desconforto e da liberdade para se despir, sem precisar atender expectativas acerca de temas específicos:

A minha poesia e a poesia de qualquer mulher negra é a poesia que busca liberdade. Eu acho importante entender que a poesia de mulheres negras é uma poesia diversa. É uma poesia que vai trazer vários temas e não está presa necessariamente a algo que se espera da gente. Isso é algo ruim, que nos restringe (Quilombola..., 2021).

Roberta Tavares lançou seu segundo livro, *Mulheres de Fogo* (2023a), na Casa da Linguagem, em Belém. Na ocasião, houve uma sessão de autógrafos com a autora e ela relatou que a ideia do livro surgiu após a experiência de uma publicação independente artesanal em 2018, segundo conta à jornalista Thainá Dias, de *O Liberal*: “Eu e meu editor decidimos fazer uma publicação de um zine é um dos poemas publicados lá se chamava ‘mulheres de fogo’, que deu título também ao próprio zine” (Tavares, 2023b).

Conforme refere, *Mulheres de Fogo* (Tavares, 2023a) é uma metáfora da existência de diversas mulheres que a cercam, mulheres que a formaram mulheres, que são suas referências. Esta é uma metáfora complexa, vinculada à complexidade dessas mulheres e às diversas maneiras que elas aparecem na poesia da poeta, que elas caminham na poesia da escritora. Na mesma fala, a poeta aproveita para pontuar diferença física dos livros: *Lugar de se morrer é também o poema* (Tavares, 2021) é um livro artesanal, que foi costurado a mão por seu editor, Thiago Kazu, responsável não só pela diagramação, como também pela capa, pintura, costura e projeto gráfico. A ideia desse livro, que não foi feito por gráfica, era manter a representação de zine, porque sua primeira publicação é uma publicação também artesanal e independente. Então, a proposta era ser um livro, mas também uma espécie de obra de arte da artesanaria, estabelecendo entre os leitores e as leitoras uma relação com o livro físico antes de entrar propriamente no texto (Tavares, 2023b).

Na labuta de artista, Roberta Tavares, assim como suas antecessoras, é responsável pelos anúncios, pré-venda e venda de seus livros, como ela costuma dizer dos ‘corres’ de ser artista neste mundo, de fazer poesia em um mundo que ainda nos quer antipoéticos, especialmente o livro no qual se quer criar mantendo as características e o cuidado da artesanaria, com o zelo de fazer do objeto livro uma obra de arte tecida pelas próprias mãos, dando atenção cuidadosa a cada costura de forma individual, como se tivesse gerado um filho único. Por esse motivo, e por tantos outros, devemos reconhecer e valorizar os trabalhos dessa artista e tantos outros. *Lugar de se morrer é também o poema* é seu primeiro livro de poesia, publicado no auge dos seus mais de trinta anos de idade (Clube de Escritores Paraenses, 2022a).

Não podemos esquecer que somente aos 70 anos de idade Conceição Evaristo conquistou o reconhecimento dedicado a poucos escritores brasileiros negros. Foi, portanto, tardiamente reconhecida, o que evidencia a necessidade de questionar regras e processos sociais, culturais e econômicos que tornam o caminho mais árduo e doloroso para as pessoas negras. Assim, é necessário saber se existem regras e quais são elas. Contudo, Roberta Tavares acredita que a hora da sua estreia não deveria ter sido antes. Ela complementa que é necessário um tempo de maturação, a despeito de todas as discussões que conhece acerca de mercado e monopólio, de exclusão e invisibilidade, fundamentadas em várias questões no tocante à raça, classe, gênero, região, entre outros. Embora esses assuntos devam ser problematizados, é preciso entender a necessidade do tempo de maturação, sem obrigatoriamente a preocupação da urgência ou pressa pela publicação, que, por vezes, o mercado exige (Clube de Escritores Paraenses, 2022a).

O título ‘Não venho só’, escolhido para o poema que abre o livro *Mulheres de Fogo* (Tavares, 2023a), simboliza a história das lutas individuais e coletivas de mulheres. O próprio título já nos remete a uma percepção de coletividade. A mulher negra é retratada em sua poética a partir de suas lutas e enfrentamentos e sua gênese, marcando o seu lugar de origem, o quilombo. Expressões como alforria e liberdade remetem ao período escravagista, no qual as mulheres negras “[...] costuraram liberdades de retalhos / & sou uma dessas costuras de insistentes liberdades” (Tavares, 2023a, p. 12) e, segundo Conceição Evaristo, também costumam a “[...] vida com fios de ferro” (Evaristo, 2015, p. 109).

<sup>1</sup> Fanzine ou apenas zine é uma publicação alternativa e artesanal que prioriza a produção autoral, geralmente financiada pelo próprio editor ou editores e distribuída de maneira independente. Por seu caráter libertário e anárquico, procura não se enquadrar em categorias estéticas ou comunicacionais estabelecidas pelas grandes mídias ou por qualquer influência autoritária e que busque respeitar algum tipo de padrão. Os fanzines também podem ser chamados pela sua abreviação apenas de zine. Portanto, quem faz zine pode ser chamado de fanzineiro/fanzineira ou simplesmente zineiro/zineira (Valle & Moreira Júnior, 2017).

Essas mulheres pretas reluzem, brilham como a noite, representando a força e a importância da mulher negra na história do Brasil e no enfrentamento à escravidão. Resgatar a memória da população negra, antes do processo de escravidão, oferece a possibilidade de relações mais prazerosas com a sua história e com o corpo. São esses resgates das histórias e da consciência do próprio passado que podem dar sentido às lutas, aos enfrentamentos e às (re)existências do tempo presente. Segundo Ricouer (2007, p. 451), “[...] lembrar-se é, em grande parte, não esquecer [...]”, embora saibamos que lembrar de tudo é impossível. Nesse sentido, penso que a memória compreende, necessariamente, uma dimensão seletiva, logo “[...] ver uma coisa é não ver outra” (Ricouer, 2007, p. 451).

Venho varando de quilombos  
 Venho do ventre de mulheres que  
 costuraram liberdades com retalhos  
 Trago comigo outras mulheres  
 de peles pretas reluzentes como a noite  
 & costuraram com retalhos as alforrias  
 reluzentes d’outro tempo essas mulheres  
 & que tanto quanto a noite reluziam  
 Eu venho do ventre dessas mulheres que  
 ‘costuraram liberdades de retalhos  
 & sou uma dessas costuras de insistentes liberdades’  
 de mulheres pretas reluzentes como a noite  
 & que tanto quanto a noite reluziam (Tavares, 2023a, p. 12, grifo nosso).

Em *Mulheres de Fogo*, Roberta Tavares mergulha, por meio de sua estética amazônica, nas águas do mundo poético do Igarapé do Cravo, das raízes, das mulheres que a circundam e que também a antecederam. A Amazônia, que é o Cravo, que é a sua casa, que também dá o nome ao Igarapé, que dá nome a sua comunidade.

A poesia de Roberta Tavares também se encontra presente nos momentos de desamparo. Poesia é oração, é cura. Embora saibamos que a poesia precisa obrigatoriamente dar conta de nossos desamparos, é conflituoso colocar oração e poesia na mesma frase, mas não devemos ter medo de conflitos:

Mulheres de Fogo  
 ‘Tu não sabes, mas eu sou aquelas mulheres de fogo  
 São aquelas mulheres de fogo o meu respirar  
 Essas mulheres de fogo do passado e do presente  
 Que pairam no escuro limpo de minha visão  
 Quando a insônia vem me lambear as espinhas’  
 São essas mulheres de fogo o meu eu encarnado  
 Aquela visão a me socorrer na solidão da madrugada  
 ‘Eu sou Tomázia coberta de véu de água  
 Eu sou Lourença trazendo na face pálpebras de lua  
 Sou Adelaide acendendo velas de folha  
 Sou Marilda com olhos acesos de gruta’  
 & quando me vês passar por aí ‘não entendes’  
 Eu carregando comigo essas mulheres  
 Todas elas de fogo, cor de tisna  
 E quando me vês andando por aí  
 A olhos nus ‘não notas’ eu carregada por elas  
 Porque em mim caminham todas essas  
 Mulheres do passado e do presente (Tavares, 2023a, p. 98-99, grifo nosso).

*Mulheres de fogo* se volta à reflexão sobre a mulher negra brasileira. A imagem do fogo liga-se ao signo da ancestralidade. São as mulheres de fogo que constroem a identidade da voz feminina e iluminam a taciturnidade e a solidão vivenciadas pelo eu poético na solidão da noite. Logo nos primeiros versos, essa voz se volta a um interlocutor não revelado, que não compreende as subjetividades femininas: “Tu não sabes [...]”, “não entendes [...]”, “não notas” (Tavares, 2023a, p. 98). Essas expressões conotam a falta de esmero para com a complexidade do processo de subjetivação e constituição da identidade das mulheres negras, bem como a

subjetividade e a singularidade do mundo complexo feminino brasileiro. A identidade da mulher negra sempre foi presença “[...] do passado e do presente [...]” (Tavares, 2023a, p. 98) dentro de uma singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, mulheres que não são entendidas, que são “Todas elas de fogo [...]” (Tavares, 2023a, p. 98), em suas várias perspectivas, são contempladas nos versos da poeta Roberta Tavares.

O eu lírico afirma carregar em si todas aquelas mulheres e, em seguida, é também carregada por elas. Isso alude aos versos de Conceição Evaristo em ‘Vozes-Mulheres’ (Evaristo, 2017), uma vez que está presente a voz da filha, símbolo do passado, do presente e do futuro, aquela que carrega em si a história de todas as mulheres negras-brasileiras.

O poema também é marcado por efeito de repetição de palavras, o que enfatiza a ideia que é o tema central do poema: “[...] eu sou aquelas mulheres de fogo” [...] Essas mulheres de fogo [...] São essas mulheres de fogo [...] eu sou [...] /eu sou [...] /Sou [...] Sou [...]” (Tavares, 2023a, p. 98 - 99). A repetição das palavras nesses versos atribui musicalidade ao poema e produz um efeito de movimento a partir do texto. Ou seja, são mulheres que se espelham em outras mulheres, como é possível notar:

Tu não sabes/mas eu sou aquelas mulheres de fogo  
são aquelas mulheres de fogo o meu respirar

Essas mulheres de fogo do passado e do presente  
Que pairam no escuro limpo de minha visão  
Quando a insônia vem me lambar as espinhas

São essas mulheres de fogo, o meu eu encarnado  
Aquela visão a me socorrer na solidão da madrugada (Tavares, 2023a, p. 98 - 99).

O eu lírico é acompanhado pelas vozes de várias das mulheres, nas madrugadas, dando-lhes visibilidade. Nomes como Tomázia, Lourença, Adelaide e Marilda são apresentados como exemplos. Todas elas são relacionadas a elementos da natureza, como a água, a lua e as folhas, elementos revelados no final de cada verso. Essas mulheres são de fogo, mas também de ‘cor de tisna’, que significa enegrecer (com carvão ou fumo etc.).

## Considerações finais

A poesia das escritoras aqui analisadas tem o poder da cura. Assim, poesia, como uma palavra grande, extensa, intensa, forte, potente, pujante, que não se deixa dominar, enclausurar, não se limita a caixinhas, formas ou receitas. Esquiva-se, sempre, dos sentidos comuns dos dicionários e bagunça a norma, desafiando e apontando questões. Trata-se de uma poesia contra-hegemônica e subversiva, que também é amor. O poema é um lugar cheio de complexidade, que não está pronto e acabado. Jamais unificado. A poesia é um experimento. Experimentos dolorosos, desconfortáveis, que, por si só, não pretendem curar nem resolver as agruras do mundo. Todavia, curam, o que se dá através de um fazer poético que constrói uma identidade étnica, incorporando dinâmicas culturais que vão na contramão do sistema de dominação, o racismo. A insurgência dessas vozes, historicamente subalternizadas, amplia a discussão acerca da representação que oprime e inferioriza o povo negro em decorrência do pensamento eurocêntrico.

A escrita literária de Conceição Evaristo e de Roberta Tavares, bem como de muitas outras poetisas negras, é um lugar de enunciação e da (re)construção contra-hegemônica. São textos que apresentam memórias históricas, corporais, imagéticas, sensoriais, sensuais. Conduzem-nos pelos caminhos da vida e da morte, do fogo que se nutre de poesia. São, afinal, mulheres negras que grafam memórias em letras de poesia e, apesar das agruras, essas escritoras revelam o belo com letras poéticas. É preciso ler e escutar mulheres negras. Antes do título de cada poesia, temos que nos atentar para o nome da autoria e o lugar geográfico onde ela reside, o que faz a experiência de leitura ir além, pensando que o Brasil é um país de dimensões continentais, diverso e plural. Temos escritoras negras que vivem em estados distintos, com diferentes origens culturais e econômicas. Ademais, podemos considerar que até o racismo pode ter uma roupagem diferente ao nos atravessar.

A maioria dos leitores afirma que ‘poesia não é para entender, é para sentir’. Em contrapartida, outro grupo de leitores diz que poesia é uma coisa e poema é outra e, assim, não consideram que seja poesia se o poema escrito não tiver métrica. Existem, também, autores/as que escrevem poesias ou poemas tão subjetivos, sobre experiências tão íntimas, que é impossível entender ou sentir seja lá o que for. Como leitoras e pesquisadoras, a métrica pouco nos interessa: apreciamos mesmo as poesias; poemas subversivos, destes que não se colocam dentro de caixas, formas, escapam do academicismo e dialogam com nossas experiências. Trata-se de conectar

o leitor com o texto e com quem escreve e só assim é possível ler poesia. Acreditamos que é isso que essas escritoras fazem, o que nos atravessa sobremaneira ao lê-las.

A poesia de Roberta Tavares é um salve às resistências e existências dos povos amazônicos. A sua poética marca o seu lugar de pertencimento no mundo, filiando-se a uma estética afro-amazônica. Roberta Tavares é uma artista e pensadora quilombola na Amazônia, que faz poesia e que constrói narrativas históricas a partir do protagonismo deste lugar de fala. Ao pensarmos no imaginário social, a região transita numa concepção de imagem deturpada de floresta inabitada, e sem presença negra, relacionada apenas à concepção de 'índios' inertes, sem reconhecimento da existência real dos inúmeros povos nativos que lá se encontram.

A literatura é um produto da humanidade e pode, inclusive, reforçar estereótipos, demarcar lugares de subalternidade e naturalizar estigmas, atos facilmente observáveis ao longo da história. Isso diz respeito ao próprio racismo, que é tão arraigado em nosso país. Nesse sentido, é importante lembrar, por exemplo, da nossa literatura canônica, repleta de concepções contestáveis. Cabe ressaltar que a literatura não precisa, necessariamente, ser concebida aos moldes de algo sacralizado, imune a críticas e problematizações. Não podemos pensar a literatura dessa forma, mas ela também é um mecanismo muito forte de poder e, sendo assim, tem a possibilidade de fazer o contrário disso, de criar outras narrativas e de refutar narrativas que naturalizam lugares de subalternização, de estigma, de relações de poder desiguais, lugar naturalização da ideia do que é mulher negra no pensamento social brasileiro, e de como como as mulheres negras aparecem em obras canônicas. Assim, devemos problematizar para afirmar que a literatura é algo que nós construímos. É importante, portanto, deslocar a literatura desse lugar de pedestal, tirar a imagem de poeta de literato intocável, iluminado.

A poesia de mulheres negras é também um enfrentamento necessário ao epistemicídio, subverte a lógica racista que sempre coloca a mulher negra no lugar de objeto da pesquisa ou da arte. São, assim, autoras que carregam a subversão de ser, fazer ecoar a nossa própria história. A poética dessas mulheres é coletiva, por pertencer ao povo ao qual pertencemos e que nos ensinou a ser gente que respeita os antepassados, que respeita a vida, e essa é uma sabedoria ancestral, de comunidades negras rurais, quilombolas, e tantas outras. As poetisas aqui apresentadas trilham seus caminhos contra o silenciamento das vozes negras, sobretudo as femininas. O entendimento sobre a maneira como a poesia dessas mulheres se estrutura, por meio da retomada ancestral e, ainda, do afeto nas relações evidencia possibilidades de resistência.

A poesia negra feminina brasileira, portanto, é um convite à reflexão e à transformação. Ela nos desafia a repensar as estruturas de poder e a rever nossos próprios privilégios. É por meio dessa expressão artística que podemos vislumbrar um futuro mais justo, igualitário e plural, livre das amarras da colonialidade. É importante ressaltar que a discussão da poesia negra brasileira como resposta epistêmica ao projeto eurocêntrico colonial é fundamental para uma maior compreensão e valorização dessa produção literária. A poesia negra não se limita à arte em si, mas é também uma forma de conhecimento, de produção de saberes que questiona e desafia os discursos dominantes. Ao trazer à tona as vozes e as experiências da população negra, a poesia negra brasileira se coloca como uma ferramenta de transformação social e como uma forma de resistência e construção de identidade.

Em suma, a poesia de Conceição Evaristo e Roberta Tavares, ao dar voz e visibilidade ao corpo negro, às memórias e aos espaços ocupados por essa população, promove uma ressignificação da identidade racial e uma virada decolonial. Essas obras nos convidam a repensar os discursos hegemônicos e a compreender a importância da poesia negra brasileira como resposta epistêmica ao projeto eurocêntrico colonial.

## Referências

- Bandeira, M. (1946). *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro, RJ: Liv. Ed. Zelio Valverde.
- Clube de Escritores Paraenses. (2021, Maio 7). *Revoada: voos do processo literário com Roberta Tavares*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=pQd9tQ843FY&t=2190s>
- Duarte, E. A. (2006). O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 305-308. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017>.
- Duarte, E. A. (2011). Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. In A.G. Bolaños, & L. R. Benavente (Orgs.), *Vocês negras de las Américas: diálogos contemporâneos* (p. 163-175). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Duarte, M. (2019). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo, SP: Planeta do Brasil.

- Evaristo, C. (2015). *Olhos d'água*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional.
- Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro, RJ: Malê.
- Quilombola Roberta Tavares lança livro de poemas nesta segunda-feira (30). (2021, 30 de agosto). *Jornal O Liberal*. Recuperado de <https://www.oliberal.com/cultura/quilombola-roberta-tavares-lanca-livro-de-poemas-1.428172>
- Ricouer, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Said, E. (2011). *Cultura e imperialismo* (D. Bottmann., Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Tavares, R. (2021). *Lugar de se morrer é também o poema*. Belém, PA: Thiago Kazu.
- Tavares, R. (2023a). *Mulheres de fogo*. Belém, PA: Editora da Autora.
- Tavares, R. (2023b). Poeta e historiadora Roberta Tavares lança 'Mulheres de fogo', seu segundo livro. [Entrevista concedida a] Thainá Dias. *O Liberal.com*, [S.l.], 29 mar. 2023. Recuperado de <https://www.oliberal.com/cultura/poeta-e-historiadora-roberta-tavares-paraense-lanca-mulheres-de-fogo-seu-segundo-livro-1.663010>
- Valle, L. D., & Moreira Junior, J. L. M. (2017). O fanzine e a potência educativa no ensino das artes visuais. In *Anais do 1º Seminário Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual* (p. 234-240). Montevideo: Universidad de la República, Montevideo. Recuperado de [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual\\_L1\\_030.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/CulturaVisual_L1_030.pdf)